

A ORDEM SUJEITO/VERBO NA COMUNIDADE DE JOÃO PESSOA: ENCAIXAMENTO LINGÜÍSTICO

Julienne L. R. Pedrosa
Universidade Estadual da Paraíba
Dermeval da Hora
Universidade Federal da Paraíba

1. Introdução

Os estudos relativos à língua, e com base na Sociolingüística, têm procurado definir o perfil lingüístico de comunidades específicas e, conseqüentemente, salientado a importância de se deixar de lado preconceitos existentes acerca de inúmeros aspectos, principalmente, da língua oral, cujos processos inerentes manifestam-se bem diferentes do que estabelecem as gramáticas normativas.

Considerando tal complexidade, analisaremos, à luz da Sociolingüística Quantitativa, dados de língua falada que constituem o *corpus* do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB), que privilegiam o fenômeno da ordem Sujeito/Verbo (SV), a exemplo de (1):

(1) O vôlei é bom. (SV)

É bom o vôlei. (VS)

Uma descrição detalhada dos fatores que regem o processo lingüístico da Ordem e sua relação com outros processos lingüísticos deverão contribuir para explicitar o comportamento da variável em estudo. Nosso objetivo será, a partir das restrições selecionadas pelo pacote de programas VARBRUL, demonstrar o encaixamento da variável na comunidade de João Pessoa.

O texto está estruturado da seguinte forma: na seção 2, serão apresentados, sumariamente, resultados de estudos anteriores e o objeto de estudo propriamente dito; na seção 3, será feita uma exposição sobre a metodologia utilizada; na seção 4, serão apresentados os resultados gerais, descrevendo o processo de análise e as variáveis estruturais e sociais que se destacaram como mais

relevantes; na seção 5, serão tratadas as variáveis estruturais consideradas relevantes para a variação da Ordem SV; na seção 6, serão analisadas as variáveis sociais; na seção 7, será feito o encaixamento lingüístico da Ordem Sujeito/Verbo na comunidade pessoense.

2. Ordem SV/VS: estudos anteriores

Para uma melhor compreensão do fenômeno em discussão, abordaremos alguns aspectos considerados em estudos anteriores (BITTENCOURT, 1980; LIRA, 1986; BERLINC, 1989; CHAVES, 1989; DECAT, 1989, OLIVEIRA, 1989; ARAÚJO, 1990; SANTOS, 1990; KATO et al., 1996; MORAIS, 1996 ; COSTA, 1997).

Bittencourt (1980) confirma a importância da transitividade verbal para a possibilidade de ocorrência da Ordem VS, pois, segundo a autora, as estruturas que contêm verbo intransitivo e de ligação favoreceriam essa ordem, apresentando para tanto uma formalização sintática com base na teoria Gerativa.

Lira (1986) confirma a ocorrência da Ordem VS com os verbos intransitivos e de ligação com o sujeito nominal. Revela, ainda, que é mais provável que o sujeito posposto seja indefinido, novo e inanimado.

Berlinck (1989), em seu estudo diacrônico sobre a Ordem SV, mostra a diminuição da Ordem VS nos estágios mais recentes (séculos XIX e XX). Faz uma análise bastante consistente do fator transitividade, comprovando a força dos fatores formais para essa variável. Busca, através de tal fato, torná-lo uma evidência a favor do possível encaixamento lingüístico entre a queda no uso dos clíticos e o aumento da ordem SV.

Chaves (1989), em seu estudo sobre o português da fronteira, destaca que outros fatores, além da transitividade, são relevantes para a Ordem Sujeito/Verbo, comprovando, dessa forma, a importância de fatores semântico-discursivos, como a animacidade, a definitude e o status informacional do sujeito.

Decat (1989) faz um estudo diacrônico, encaixando lingüisticamente o fenômeno da Ordem ao Sistema Pronominal. A presença dos clíticos permite às sentenças uma maior liberdade quanto à ordem dos sintagmas. Salientando, contudo, que com a perda da morfologia dos casos e da supressão dos clíticos, a ordem dos

constituintes se tornou mais rígida, marcando, dessa forma, as funções sintáticas da sentença, confirmando a diminuição da Ordem VS no quadro sincrônico.

Oliveira (1989) estuda os fenômenos de preenchimento, supressão e ordem do sujeito e do objeto nas sentenças do português, concluindo que o fenômeno do preenchimento dos constituintes da sentença é mais produtivo do que o seu ordenamento, e, por isso, opta por estabelecer uma matriz flexível para o Português: *XVX*, onde a determinação dos *Xs* dependerá da atualização da sentença.

O estudo gerativista de Araújo (1990) analisa a Posposição do sujeito em Português com o intuito de defini-la como uma regra estilística ou de mova α^1 aplicada antes da estrutura superficial e que obedece a princípios da Gramática Gerativa A autora opta, com base nas características da posposição do sujeito no português, pela segunda alternativa.

Em Santos (1990), temos uma discussão funcional sobre a ordem do sujeito e do verbo na sentença. Para tanto, autora utiliza a metodologia laboviana e controla vários fatores de origem sintática e semântico-discursiva. Dentre tais fatores, ressalta os seguintes como relevantes para a Ordem VS: verbos intransitivos e de ligação, sujeitos nominais, oracionais e compostos, SNs sujeito com traços [-definido], [-animado], [-agente] e que carreguem informação nova.

Kato et al. (1996) objetivam especificamente estudar as Construções-Q² no Português Brasileiro (PB). Contudo, ao adentrar nas construções interrogativas-Q, o alvo muda para a ordem dos constituintes nesse tipo de sentença, adequando-se, então, ao objetivo do nosso trabalho. Com a ajuda de vários fatores estruturais e sociais, as autoras buscam provar que a ordem preferencial da sentença é SVO, indicando, dessa forma, uma mudança sintática no padrão das interrogativas no português brasileiro.

O estudo diacrônico de Moraes (1996) apresenta uma discussão a respeito de uma possível mudança paramétrica na gramática interna dos falantes do português do Brasil. E, com base na Teoria dos Princípios e Parâmetros, a autora consegue provar que

¹ Regra de deslocamento do especificador (α) para uma posição não temática.

² Construções interrogativas que apresentam pronomes interrogativos.

houve uma reanálise da estrutura da frase, concretizando, dessa forma, uma mudança no parâmetro do Caso Nominativo por regência na estrutura da frase no PB contemporâneo.

Em Costa (1997) é retomada a discussão sobre a posição do sujeito em línguas de sujeito nulo. Tendo por objeto de estudo o Português Europeu (PE), o autor defende, com base na Teoria Gerativa, que o sujeito ocupará a posição de Spec, IP³ se for definido, e a posição de deslocamento à esquerda, se indefinido. Correlaciona, dessa forma, a posição do sujeito e o seu estatuto quanto à definitude.

2.1 Objeto de análise propriamente dito

Uma constante discussão na literatura sociolingüística é a questão das variáveis sintáticas. Sabemos que, para estabelecer uma variação lingüística, é preciso, segundo Winford (1996, p. 177), identificar:

- 1 - a estrutura profunda ou representação;
- 2 - equivalência semântica das variantes;
- 3 - a natureza e motivações da mudança sintática.

O problema da variação sintática reside exatamente no segundo item, pois o sentido de equivalência semântica pode diferir dependendo do propósito do estudo, e nem sempre as variantes sintáticas satisfazem esse item.

O sentido de equivalência semântica aqui adotado será o mesmo defendido por Winford (1996), ou seja, as variantes que não possuírem distinção semântica poderão ser analisadas pela variação lingüística.

Assim, à primeira vista, consideraremos todas as ocorrências de SV/VS como variantes, deixando para tomar alguma posição a respeito de possíveis distinções semânticas após a análise dos dados e das restrições ligadas a essa variável.

Teremos, portanto, por objeto de estudo estruturas que contemplem sujeito e verbo explícitos, possibilitando, dessa forma, a investigação da alternância de tais elementos dentro da estrutura frasal, como ilustrado em (2 a e 2b):

³ Por Spec, IP, devemos entender “Especificador do Sintagma Flexional (Inflexional Phrase)”.

2a) Estruturas Verbo/Sujeito:

1 - Num existe isso não. (JM-ANM)⁴

2 - *É bom o volei.* (FP-JUM)

2b) Exemplos de estruturas Sujeito/Verbo:

1 - *Minha mãe era do interior.* (AFD-JNM)

2 - *Mas eu num quis estudar.* (AFD-JNM)

Explicitado o nosso objeto de estudo, passemos ao esboço do aparato teórico que norteará nossa análise.

3. A Sociolinguística Quantitativa: um modelo teórico-metodológico

O modelo teórico-metodológico que norteará nosso trabalho tem como precursor o lingüista norte-americano William Labov, e é denominado de Sociolinguística Quantitativa por operar com números e tratar estatisticamente os dados.

É importante salientarmos que o grande avanço dos estudos a essa perspectiva relacionados deve-se à reformulação da relação entre sistema, estrutura e homogeneidade, que os estudos anteriores insistiam em fazer. Para a Sociolinguística, o sistema e a estrutura podem ser vinculados à heterogeneidade, e apesar de ser essa ligação aparentemente contraditória, é possível provar que a heterogeneidade presente na fala é regida por restrições (lingüísticas e sociais), tornando-a passível de sistematização. Isso possibilita a descrição dos processos lingüísticos que ocorrem na fala, alcançando-se, dessa forma, a sistematização almejada.

Assim, a Sociolinguística tem por propósito explicar a mudança lingüística e suas relações com o social, ou seja, é o estudo de fatores lingüísticos ligados aos fatores sociais, acreditando, portanto, nas diferenças entre as formas de fala a depender do interlocutor, da situação, do nível de formalidade do discurso etc.

Para conseguir tal intento, a Sociolinguística Variacionista utiliza-se da língua como objeto de estudo, já que esta se apresenta como “*um objeto histórico, e cultural que se constitui a partir da interação social entre os membros de uma determinada coletividade*” (LUCCHESI, 1998, p. 210), permitindo, dessa forma, demonstrar “*que*

⁴ Os códigos entre parênteses são as indicações das entrevistas.

a mudança não é apenas uma função do sistema lingüístico, mas uma função da interação da estruturação interna da língua com o processo social em que ela se realiza ...” (LUCCHESI, 1998, p. 200)

Dessa forma, ao buscar resolver a questão da mudança lingüística, Weinreich, Labov e Herzog (1968) levantam cinco problemas básicos, cujas soluções deverão ser buscadas pela teoria proposta. Assim, temos: o problema das restrições (*constraints problem*), o problema do encaixamento (*embedding problem*), o problema da avaliação (*evaluation problem*), o problema da transição (*transition problem*), e o problema da implementação (*actuation problem*). Aqui, por interessar-nos principalmente pelo encaixamento, só ele definiremos, muito embora reconheçamos que o trabalho, como um todo, contempla os demais.

Um dos problemas a ser solucionado pelo sociolingüista é o do encaixamento (*embedding problem*), ou seja, a análise das hipóteses lingüísticas e extralingüísticas levantadas a partir dos resultados obtidos nos dados. Neste passo, pretende-se comprovar ou não o encaixamento lingüístico e social da variável estudada. Muitas vezes, as conclusões são obtidas com ajuda de outros trabalhos que tenham algo em comum com a variável em estudo.

Como mencionado anteriormente, a pesquisa sociolingüística tem por objetivo principal a sistematização da variação. Para se alcançar tal objetivo, ela tem que formar um *corpus* baseado em dados naturais de fala, descrever detalhadamente a variável e suas variantes, estabelecer quais os possíveis fatores lingüísticos e sociais que influenciam a variável, encaixá-la lingüisticamente, avaliá-la e observar os processos de transição e implementação que a envolvem. Dessa forma, obtém-se o resultado esperado pelo pesquisador: dar conta da dimensão social, cultural e histórica do fenômeno lingüístico.

Contudo, a pesquisa sociolingüística não termina por aqui, pois, como afirma Tarallo (1994, p. 84), “uma teoria geral de mudança lingüística para ser satisfatória deverá dar conta das condições que determinam o início, a velocidade, a direção, a propagação e o término de uma determinada mudança, e, eventualmente, a partir de dados analisados de vários sistemas, generalizar o conjunto de tais condições para a mudança lingüística”.

Assim, resta ainda ao pesquisador enveredar pelo campo dos Universais Variáveis, pois todo processo lingüístico variável se mostra complexo e sistemático. Complexo, por apresentar um grande número de restrições; e sistemático, pelo fato de a maioria das restrições serem similares nas comunidades de fala. (GUY, 1996, p. 1)

É exatamente a incidência dos mesmos efeitos lingüísticos e sociais em processos similares que se pode denominar de universais variáveis, ou seja, os fatores lingüísticos e extralingüísticos que se correlacionam com um processo de mudança em diferentes comunidades lingüísticas, sendo essa sistematicidade o foco de estudos atuais na pesquisa sociolingüística.

3.1 Amostra

As nossas ocorrências foram extraídas do *corpus* do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba –VALPB (HORA, 1993) que, à luz da metodologia laboviana, coletou dados de fala de 60 informantes selecionados aleatoriamente na comunidade pessoense.

Pelo fato de a variável estudada apresentar muitas ocorrências por informante, tornou-se necessário que a nossa amostra fosse menos ampla do que a descrita acima, totalizando 36 informantes, também estratificados por sexo, faixa etária e anos de escolarização.

3.2 Sobre os dados

O levantamento dos dados foi realizado em função da variável dependente (Ordem do Sujeito em relação ao verbo) e 11 variáveis independentes, distribuídas em três sociais (sexo, anos de escolarização, faixa etária) e oito estruturais (Tipo do SN Sujeito, Definitude do SN Sujeito, Animacidade do SN Sujeito, Status Informativo do SN Sujeito, Transitividade Verbal, Forma Verbal, Vozes Verbais, Tipos de Sentença). Após a codificação e armazenamento das ocorrências, pudemos, enfim, submetê-las ao tratamento estatístico

É importante salientarmos que não analisamos ocorrências com sujeito ou verbo implícitos. Além dessas ocorrências, também não foram consideradas as que se enquadravam nos seguintes casos:

1. Quando o sujeito pode ser confundido com o predicativo:

a) Ele era o melhor da turma.

Expressões idiomáticas:

b) Ela tomava conta do sobrinho.

2. Ocorrências com o verbo HAVER:

c) Havia três meninos na sala de aula.

d) “Minha mãe era do interior.” (AFD – 1NM)

e) “Mas, eu num quis estudar...” (AFD – 1NM)

3. 3 Tratamento Estatístico

Para efetuarmos o tratamento estatístico em nossos dados, utilizamos a terceira versão do programa computacional VARBRUL, de autoria de David Sankoff, que tem por base o modelo logístico. Esse programa foi organizado por Susan Pintzuk em 1988, para microcomputadores tipo IBM; sendo, então, denominado de VARBRUL 2S.

4. Análise e discussão dos resultados

Antes de passarmos a discutir os resultados relativos às variáveis estruturais e sociais, apresentaremos, a seguir, os resultados gerais.

4. 1 Resultados gerais

Tivemos um total de 13.734 ocorrências das quais apenas 437 foram de Ordem VS, o que corresponde a 3% do total. Como vemos, trata-se de um caso de variante rara (VS), mas é importante salientar que os resultados obtidos se mostraram coerentes com os de outros trabalhos (BERLINK, 1989; COSTA, 1997; DECAT, 1989; SANTOS, 1990; etc), tornando-os confiáveis e passíveis de comparação.

Tabela 1 – Resultados gerais

ORDEM	APLICAÇÃO	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
SV	13297	97%	.97
VS	437	3%	.04
TOTAL	13734	100%	---

Vale salientar que tiramos 14 ocorrências de frases interrogativas-negativas por se apresentarem invariavelmente com a Ordem SV. Com a retirada dessas 14 ocorrências, o total dos dados passou a 13720, sendo 13283 dados de SV e 437 dados de VS.

O programa selecionou cinco fatores como mais relevantes para a Ordem VS, a saber: Transitividade Verbal, Animacidade do SN Sujeito, Tipos de Sujeito, Definitude do SN Sujeito e Anos de Escolarização.

Podemos, então, iniciar a análise detalhada das variáveis estruturais e sociais.

5. Variáveis estruturais

Como vimos, as variáveis estruturais selecionadas como relevantes foram: Transitividade Verbal, a Animacidade, o Tipo de Sujeito e a Definitude. Por esse motivo, seguiremos a ordem de relevância indicada pelo programa para tratarmos de tais variáveis.

5.1 Transitividade verbal

Esta variável objetiva controlar a quantidade de argumentos relacionados ao verbo na oração, exatamente por supormos que uma maior quantidade de argumentos explícitos e adjacentes ao verbo dificulta a mobilidade dentro da oração, já que a posição de cada um desses argumentos também indica as suas funções.

Sabemos que o controle da transitividade verbal é um assunto bastante relativo, que depende da semântica do verbo e principalmente do próprio contexto e, por isso, optamos por controlar as ocorrências que apresentam as estruturas mais facilmente identificáveis e que se relacionam com a semântica do verbo independentemente do contexto no qual se inserirá.

Esse grupo de fatores era composto, primeiramente, por oito subfatores: verbo transitivo direto, transitivo indireto, bitransitivo, transitivo circunstancial, intransitivo, de ligação, existencial e verbo "ser" em sentenças clivadas.

Após algumas rodadas de teste, percebemos ser irrelevante a distinção quantitativa entre os verbos transitivos diretos (0%), indiretos (0%) e bitransitivos (0%), por esse motivo, como também pelo fato de esses verbos possuírem a mesma característica estrutural, ou seja, terem a posição de complemento preenchida por um elemento

de mesma característica, reunimo-los em um mesmo fator, classificando-os como transitivos. O verbo transitivo circunstancial não foi incluído nesse amalgamamento, pois não possui a mesma característica estrutural e nem tampouco a quantitativa dos demais verbos transitivos.

Assim, esse grupo resultou em apenas seis fatores: verbos transitivos, intransitivos, circunstanciais, de ligação, existenciais e “ser” em sentenças clivadas, cujo grau de importância em relação à Ordem VS analisaremos a seguir.

Tabela 2 – Transitividade verbal (Ordem VS)

Transitividade Verbal	Apl./Total	%	Peso Relativo
Verbo ser em Sent. Clivadas “Foi ele quem fez essa igreja.” (JM – 2NM)	34/57	60%	1.00
Verbo Existencial “...num tem uma mulher bonita.” (JM – 2NM)	62/93	67%	.98
Intransitivo “...faleceu um filho.” (MJC – 2GF)	132/999	13%	.90
Transitivo Circunstancial “... vai eu e a comadre e ...” (JM-2NM)	94/1685	6%	.86
Ligação “É muito grande a deficiência também.” (WL – 3UM)	83/1940	4%	.64
Transitivo “Ganha muito dinheiro aqueles médicos lá.” (SVS – 1NM)	32/8960	0%	.31

Como pode ser visto pela Tabela 2, os verbos “ser” em Sentenças Clivadas (1.00) são os que mais ocorrem com a Ordem VS. Os dados confirmam o fato de que as sentenças clivadas têm o objetivo de enfatizar um elemento da sentença, combinando, geralmente, a estrutura “ser + pronome relativo” e deslocando o elemento da sua posição original (CHAFE, 1976, p. 37). Observamos que 67% das ocorrências de sentenças clivadas não apresentavam o sujeito na posição original, direcionando a atenção para ele e, conseqüentemente, estabelecendo, com isso, um efeito contrastivo.

Os verbos Existenciais (.98) também apresentam um alto índice de ocorrência com a ordem VS, sendo o segundo mais

favorecedor. Esse resultado corrobora a tendência apresentacional⁵ dos verbos existenciais, causando muitos questionamentos a respeito do status funcional do SN que o segue, já que é natural termos esse SN após o verbo, e esta posição caracterizar a função de complemento verbal e, não, de sujeito. Contudo, consideramos, aqui, o SN que segue o verbo existencial como sujeito, porque, apesar de ele estar em uma posição que não é típica do sujeito, ele ainda estabelece a concordância com o verbo (LI & THOMPSON, 1976, p. 464-465).

Acompanhando os resultados da Tabela 2, observamos, ainda, que os verbos Intransitivos (.90), Transitivos Circunstanciais (.86) e de Ligação (.64) também favorecem a variante VS. Com isso, podemos estabelecer uma trajetória da influência dos verbos na Ordem VS, mostrando que os verbos que não possuem complemento verbal ou cujo complemento é facilmente distinguido do sujeito favorecem mais a essa variante.

Já os verbos transitivos (.31) desfavorecem a ordem VS, como exposto na Tabela 2. Esse resultado está bem próximo do resultado de Santos (1990), que expõe a correlação negativa dos verbos transitivos com relação a essa variante.

Presumimos, portanto, que a ordem VS se apresenta, em maior probabilidade, em ambientes onde não seja necessário se distinguir o sujeito posposto de um possível complemento verbal. Pois, se o sujeito que se relaciona positivamente à ordem VS não é típico, ele pode ser facilmente confundido com o complemento presente na frase, causando uma possível ambigüidade no discurso. “Assim, o grau de probabilidade de ocorrência de V SN com um dado verbo está associado ao grau de possível ambigüidade dessa construção numa relação inversamente proporcional: quanto maior é a chance de o SN ser interpretado com uma função que não a de argumento externo (principal) de V, menor é a probabilidade de que ele ocorra em V SN, e vice-versa”. (BERLINCK, 1989, p. 104 -105)

5.2. Animacidade do sujeito

Há uma discussão bastante produtiva sobre a hierarquização dos elementos dentro da sentença, estabelecendo, dessa forma, as hierarquias tipológicas. Em relação à animacidade, temos a seguinte

⁵ Segundo Santos (1990, p. 71), *os verbos apresentativos servem para apresentar um elemento no discurso ou retirá-lo de cena.*

hierarquia 1^a/2^a pessoa > 3^a pessoa pronominal > nomes humanos > nomes animados > nomes inanimados (CROFT, 1996, p. 347), levando-nos a concluir que o sujeito tende, primeiramente, a ser humano e animado, seguindo a escala mencionada. Esse fato é confirmado em outros estudos, como o de Siewierska (1996, p. 372), que caracterizam a tendência de, nas línguas humanas, o sujeito ser definido, agente e humano; o objeto ser paciente; e o verbo representar ação.

Os estudos de Kato (1998) e Santos (1990) corroboram a tendência para o sujeito original, que possui referente [+animado], de favorecer a ordem SV. Enquanto que o sujeito com referente [-animado], por ser atípico, favorece a ordem VS.

Tabela 3 – Animacidade do SN Sujeito (Ordem VS)

Animacidade do Sujeito	Apl./Total	%	Peso Relativo
-animado “[Qualquer tipo de romantismo]...num existe isso não.” (JM – 2NM)	238/1194	19%	.92
+animado “... a sorte que vinha a professora e apartou a gente.” (GSF - 1GF)	176/12481	1%	.42

De acordo com a Tabela 3, os resultados confirmaram os estudos das autoras já citadas, já que o sujeito [+animado] (.42) desfavorece a ordem VS, enquanto o [-animado] (.92) a favorece.

Apesar de nossos resultados comprovarem a disposição de o sujeito [-animado] estar mais relacionado à variante VS, não podemos deixar de mencionar que Berlinck (1989) questiona a influência direta da animacidade na ordem VS, pois, como o traço de animacidade é especificado pela grade temática do verbo, a sua relevância para essa variante não é própria, e, sim, derivada dessa relação que estabelece com o verbo.

5.3. Tipo de Sujeito

A exemplo do trabalho de Santos (1990), analisamos, além das características semântico-funcionais do sujeito, a classe gramatical que o seu núcleo possui. O nosso intuito com isso é o de analisar se as restrições formais são tão relevantes quanto as funcionais.

Como podemos concluir através da literatura pertinente (SANTOS, 1990 e LIRA, 1986), o sujeito pronominal se restringe à variante SV, enquanto que os sujeitos compostos, nominais e oracionais ocorrem com as duas variantes.

A tendência de o sujeito pronominal ocorrer mais com SV pode estar associada a sua extensão, uma vez que os constituintes mais leves ou curtos geralmente ficam no início da sentença, deixando os mais pesados ou longos para o fim (LOBATO, 1988, p. 137). Não controlamos o tamanho do SN sujeito por supormos que a sua classe gramatical possa elucidar esse fato, já que os sujeitos nominais, compostos e oracionais são mais longos, enquanto que o sujeito pronominal é mais curto, confirmando, dessa forma, a relação entre o tamanho e a classe gramatical do sujeito.

Tabela 4 – Tipo de Sujeito (Ordem VS)

Tipo de Sujeito	Apl./Total	%	Peso Relativo
Oracional “E uma coisa muito importante o trabalho dela que ela faz” (MLSL – 1NF)	23/59	39%	.94
Composto “... vai eu e a comadre e a gente pula ...” (JM - 2NM)	9/32	27%	.90
Nominal “ ... a sorte que vinha a professora e apartou a gente.” (GSF - 1GF)	101/10074	8%	.68
Pronominal “...num existe isso não.” (JM – 2NM)	304/3569	1%	.43

Conforme a Tabela 4, constatamos que, de fato, o sujeito oracional (.94), seguido pelo composto (.90) e nominal (.68) favorecem a ordem VS, enquanto que o sujeito pronominal (.43) a bloqueia. Observamos que os sujeitos favorecedores da ordem VS seguem uma possível escala de tamanho, estabelecendo que quanto maior o SN sujeito, mais favorecedor ele é da variante VS, o que confirma a nossa hipótese de relação do tamanho e da classe gramatical do sujeito com a sua posição na sentença.

O fato de o sujeito oracional ser o mais significativo também pode estar relacionado ao alto índice do verbo de ligação, pois o

trabalho de Santos (1990, p. 87) comprova que os verbos de ligação só favorecem a inversão por ocorrerem mais com sujeito oracional. Isso se dá pelo fato de que o sujeito oracional, apesar de não ser típico, não pode ser confundido com o complemento verbal, dado as diferenças entre ele e o complemento do verbo de ligação. O que pode ser comprovado na Tabela 5 abaixo:

Tabela 5 – Tipo de Sujeito x Transitividade (Ordem VS)

Tipo de Sujeito \ Transitividade	Suj. Oracional		Suj. Composto		Suj. Nominal		Suj. Pronominal		Total
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR	%
'Ser' em Clivadas	50%	.99	100%	1.00	58%	1.00	60%	1.00	60%
Existencial	100%	1.00	--	--	70%	.99	50%	.99	67%
Intransitivo	45%	.98	50%	.98	22%	.96	5%	.91	13%
Circunstancial	67%	.99	83%	1.00	14%	.95	1%	.79	6%
Ligação	26%	.97	13%	.88	7%	.80	2%	.80	4%
Transitivo	13%	.94	0%	--	1%	.65	0%	.18	0%

PR= Peso relativo

Observamos na Tabela 5 que o verbo de ligação realmente ocorre mais com a variante VS, se estiver combinando com o sujeito oracional (.97), muito embora também ocorra essa variante com os outros tipos de sujeito. Por isso, supomos que o verbo de ligação é favorável à ordem VS, independente do sujeito que possui, mas que se torna mais favorável quando relacionado ao sujeito oracional.

Os nossos resultados confirmam a tendência gramatical dos sujeitos pospostos, e portanto, levam-nos a concluir que as características semântico-sintático-discursivas caminham juntas na formação das restrições da nossa variável.

5.4. Definitude do SN Sujeito

O efeito da definitude na posposição⁶ do sujeito tem sido um aspecto bastante estudado. Estudos como o de Costa (1997), Kato

⁶ Esse termo refere-se apenas a posição que o sujeito ocupa em relação ao verbo, não tendo relação com nenhum movimento dos elementos mencionados.

(1998) e Camacho (1996) acreditam que esse efeito é bastante relevante para a colocação do sujeito na frase, e ainda, no caso de Costa, para a classificação do tipo de movimento que ele pode fazer dentro da frase.

Para Santos (1990) e Chaves (1989, p. 71), assim como para os autores mencionados, o sujeito típico tem traço [+definido], assim, como os sujeitos pospostos não são típicos, eles provavelmente possuirão o traço [-definido].

Como era de se esperar a Definitude também foi selecionada como relevante, comprovando que o sujeito indefinido (.68) favorece a ordem VS, enquanto que o sujeito definido (.46) a desfavorece, corroborando os autores mencionados, conforme pode ser confirmado na Tabela 6:

Tabela 6 – Definitude do SN Sujeito (Ordem VS)

Definitude do Sujeito	Apl./Total	%	Peso Relativo
Indefinido "Sempre aparece as criança, pede esmola..." (MLT – 1GF)	172/2266	7%	.68
Definido "... vai eu e a comadre e a gente pula ..." (JM – 2NM)	265/11468	2%	.46

Os resultados permitem-nos confirmar, com os trabalhos mencionados, a tendência do sujeito indefinido ocorrer posposto ao verbo. Cabendo-nos, então, confirmar se essa tendência se apresenta determinantemente com todos os verbos, ou se se acentua com determinados tipos de verbos. Para isso, efetuamos um cruzamento entre a Definitude e a Transitividade Verbal, cujos resultados estão na Tabela 7, na próxima página.

A Tabela 7 mostra-nos que os verbos 'Ser' em Clivadas e Existenciais tendem a não ser determinados pela definitude, enquanto que os Intransitivos (.94), Circunstanciais (.94), de Ligação (.81) e Transitivos (.58) se mostram bastante dependentes do grau de definitude dos seus sujeitos, pois quando o sujeito desses verbos é [-definido], a probabilidade de acontecerem com a Ordem VS é maior.

Tabela 7 – Definitude x Transitividade (Ordem VS)

Definitude \ Transitividade	Suj. +definido		Suj. -definido		Total
	%	PR	%	PR	%
'Ser' em Clivadas	68%	1.00	31%	.98	60%
Existencial	62%	.98	73%	.73	67%
Intransitivo	11%	.90	21%	.94	13%
Circunstancial	3%	.83	15%	.94	6%
Ligação	4%	.63	7%	.81	4%
Transitivo	0%	.26	1%	.58	0%

Os resultados mostram, com bastante clareza, que os verbos intransitivos, circunstanciais, de ligação e principalmente os transitivos se mostram bastante sensíveis à finitude do sujeito relacionado a eles, já que os sujeitos [+definidos] restringem mais o uso desses verbos com a ordem VS.

Falta-nos, ainda, analisar outra relação com a definitude. Desta vez, é a provável interferência que esse fator pode exercer sobre o tipo de sujeito, e por isso, efetuamos um cruzamento entre essas variáveis. Lembramos, contudo, que analisaremos apenas o sujeito nominal, pronominal e composto.

Tabela 8 – Definitude x Tipo de Sujeito (Ordem VS)

Definitude \ Tipo de Sujeito	Suj. +definido		Suj. -definido		Total
	%	Peso Relativo	%	Peso Relativo	%
Nominal	8%	.68	9%	.80	9%
Pronominal	1%	.37	4%	.75	1%
Composto	31%	.96	17%	.69	28%

A Tabela 8 explicita que os sujeitos nominal (.80), pronominal (.75) e composto (.69) favorecem a ordem VS quando são [-definidos], corroborando as características do sujeito na ordem VS. Contudo, o sujeito composto (.96) se apresenta mais favorecedor se for [+definido], contrariando, em parte, a literatura pertinente.

Podemos perceber, também, que o sujeito pronominal é o mais sensível às características semânticas no caso da definitude, pois é o único (.37) que inibe a ordem VS quando [+definido].

6. Variáveis Sociais

Esta seção será dedicada à análise dos fatores sociais. Sabemos que os fatores sociais não exercem muita influência sobre processos sintáticos mais abstratos, e principalmente aqueles que não acarretam julgamento social dos informantes, ou seja, aqueles em que as variantes não envolvem prestígio ou estigmatização.

Segundo Labov & Sankoff (1979, p. 213), o efeito social se aplica mais aos processos lingüísticos que fazem parte do *output* da língua; assim, quanto mais abstrata for a variação, mais difícil se torna a sua correlação com os fatores sociais. Sendo, portanto, mais fácil estabelecer a implicação lingüística que a variável possui.

Dessa forma, considerando que contraditoriamente duas das três variáveis sociais foram apontadas como relevantes para a variação da 'Ordem SV na fala pessoense', cabe-nos explicitar a relação entre esse fenômeno sintático tão abstrato e os fatores sociais por nós levantados.

6.1 Anos de Escolarização

Anos de Escolarização será o primeiro fator por nós analisado, em virtude de ter sido indicado pelo VARBRUL como o mais relevante entre os sociais.

Optamos pelo fator Anos de Escolarização por acreditarmos que quanto maior for o nível de escolarização maior será o conhecimento do falante em relação à língua que utiliza, e principalmente mais perceptível será o prestígio de determinadas formas em detrimento de outras, influenciando sua escolha por uma das variantes.

Utilizamos, apenas, três níveis de escolaridade: nenhum ano de escolarização, 5-8 anos e + de 11 anos. Decidimos por essa distribuição diante da necessidade de restringir nossa amostra, já que nossa variável é bastante produtiva. Por isso, deixamos de fora os dois outros níveis de escolarização (1-4 e de 9-11 anos de escolarização), que totalizam o *corpus* do Projeto VALPB.

Ao analisarmos esse fator, percebemos, como mostra a Tabela 9, que, em termos de porcentagem, os informantes com nenhum ano (4%), de 5-8 anos (3%) e mais de 11 anos de escolarização (3%) quase se equiparam. No entanto, quando relacionados com os outros fatores selecionados, a distinção entre eles se torna mais visível: (.60) para os informantes com nenhum ano de escolarização, (.48) para os de 5-8 anos e (.42) para os com mais de 11 anos, propiciando a conclusão de que, mesmo discretamente, os informantes com nenhum ano de escolarização favorecem a ordem VS.

Tabela 9 – Anos de escolarização (Ordem VS)

Anos de Escolarização	Apl./Total	%	Peso Relativo
0 ano	162/4215	4%	.60
5-8 anos	158/5370	3%	.48
+de 11 anos	117/4149	3%	.42

Com base nos dados acima expostos, podemos supor que os universitários evitam utilizar variações da ordem que favoreçam ambigüidades e que possam prejudicar a sua comunicação. Desta forma, privilegiam o uso da ordem não-marcada (SV), e portanto, mais natural da frase, que é a SV. Não pretendemos dizer, com isso, que o falante tem consciência do processo de variação da ordem, mas sim que ele tem condições de julgar a clareza de seu enunciado.

Apesar da aparente não implicação social dessa variável, percebemos regularidade na distribuição dos resultados, explicitando a preferência dos informantes mais escolarizados pela Ordem SV.

6.2. Sexo

O segundo fator a ser mencionado é o sexo, que, em uma rodada realizada apenas com os fatores sociais também foi considerado como relevante.

Esse fator foi primeiramente controlado por Fisher (1964), quando analisou a variação entre *-ing* e *-in* na fala de crianças de uma comunidade rural de Nova Inglaterra (EUA). Nesse trabalho, o autor apresenta a preferência dos falantes femininos pelo uso da forma de prestígio *-ing*, comprovando, com isso, a sensibilidade do sexo feminino pelo uso da forma padrão e de prestígio.

Apesar de a nossa variável não possuir as dicotomias padrão x não-padrão e prestígio x estigmatizado, controlamos o fator sexo para conferirmos o efeito que o mesmo apresenta sobre a Ordem SV. É o que analisaremos a partir da Tabela 10:

Tabela 10 – Sexo (Ordem VS)

Sexo	Apl./Total	%	Peso Relativo
Feminino	218/7567	3%	.49
Masculino	219/6167	4%	.52

Conforme a Tabela 10, os falantes do sexo feminino (.49) desfavorecem o uso de VS, enquanto que os do sexo masculino (.52) apresentam uma leve tendência a favorecer essa ordem. Isso nos mostra que as mulheres optam por utilizar a ordem básica não-marcada da frase (SV), assim como os informantes mais escolarizados. E com o intuito de verificar essa preferência, efetuamos um cruzamento entre os Anos de Escolarização e o Sexo (Tabela 11).

Tabela 11 - Sexo x Anos de Escolarização (Ordem VS)

Sexo \ Anos de Escolarização	Feminino		Masculino		Total
	%	Peso Relativo	%	Peso Relativo	%
0 ano	4%	.62	4%	.57	4%
5-8 anos	2%	.46	4%	.51	3%
+11 anos	2%	.38	3%	.48	3%

De acordo com os resultados expostos na Tabela 11, há uma tendência entre os dois sexos de diminuir o uso de VS enquanto a escolaridade aumenta. Contudo, a redução é mais acentuada entre as mulheres (.38), levando-nos a crer que as mulheres mais escolarizadas optam pela Ordem SV, confirmando, de certa forma, o uso da variante mais aceita, ou seja, menos marcada pelo sexo feminino.

Como podemos observar na Tabela 11, a linha que mostra o decréscimo do uso da variante VS pelas mulheres é bem mais acentuada do que a linha que mostra o uso dessa mesma variante pelos homens, destacando a maior resistências das mulheres em relação a essa variante.

Analisadas as variáveis estruturais e sociais, na seção a seguir trataremos o encaixamento lingüístico da variável, que constitui nosso principal objetivo neste trabalho.

7. Encaixamento Lingüístico

Após a análise dos fatores que restringem a variação da Ordem SV na Fala Pessoense, podemos, então, encaixá-la lingüísticamente.

Percebemos que os fatores estruturais selecionados foram tanto de origem formal (Transitividade Verbal e Tipo de Sujeito) quanto de origem funcional (Animacidade e Definitude), intercalados na ordem de relevância para o processo.

Assim, não podemos determinar especificamente se as implicações formais são mais relevantes para o processo do que as funcionais, apesar de o primeiro fator selecionado ter caráter formal. Resta-nos, apenas, dizer que as restrições se complementam, formando um todo de vital importância para o processo.

É com a ajuda desse todo restritivo que tentaremos encaixar a variável aqui estudada, utilizando, primeiramente, resultados de outro processo: o uso variável do objeto direto anafórico.

Para Berlinck (1989, p. 104), geralmente “*o posicionamento dos constituintes é tomado como uma das características indicativas de sua função sintática nesse tipo de construção; talvez como a principal delas.*” Por esse motivo, sentenças que tenham verbos transitivos tendem a possuir uma maior rigidez na posição de seus constituintes, pois qualquer permuta ou alteração dessa ordem poderia atribuir uma função inadequada a um elemento. Um exemplo seria atribuir função de objeto ao sujeito posposto ao verbo, já que seu posicionamento indicaria isso.

Uma possível solução para a não ambigüidade de funções nos contextos mencionados seria a diferença funcional que o sujeito apresenta em relação ao objeto, mas já vimos que os sujeitos de estruturas VS são atípicos, e, por isso, seriam facilmente identificados como objetos.

Assim, resta-nos acreditar que a manutenção de VS em transitivas estaria restrita a contextos onde a função do objeto seja bem marcada, diferenciando-o do sujeito posposto. Iniciando, a partir

desse ponto, a diminuição do uso de VS em construções transitivas. “É possível pensar, então, que uma língua com um sistema clítico rico e produtivo na fala permita uma liberdade maior na ordenação dos constituintes na sentença: quando eles são atualizados na forma de clíticos, a probabilidade de que a construção resulte ambígua diminui muito, uma vez que sua função sintática fica evidente” (BERLINCK, 1989, p. 107).

Mas, segundo Baltor (1998, p. 325), o clítico acusativo é bem pouco produtivo na fala pessoense (apenas 9 casos num total de 181 dados), estando esses poucos casos restritos à fala de universitários. Isso, de certa forma, dificulta a relação entre a pouca produtividade do clítico e a diminuição de VS, pois, como observamos em nossos resultados, essa ordem é mais produtiva com os informantes com nenhum ano de escolarização (12/1758 – 1%) do que com os informantes com +de 11 anos (8/2078 – 0%)⁷, levando-nos a concluir que só a variante VS produzida pelos informantes com +de 11 anos de escolarização é que pode ser afetada pela perda do clítico.

Os estudos de Baltor (1998) só apresentam resultados sobre o clítico acusativo, não nos permitindo tecer comentários sobre outros clíticos (se, lhe, te), os quais acreditamos serem mais produtivos na fala pessoense. Esse fato nos leva a supor que os resultados desses clíticos podem estar mais relacionados a VS do que os do clítico acusativo. Mas, isso são só hipóteses, as quais só confirmaremos em um trabalho posterior quando tivermos resultados de estudos que contemplem esses resultados.

É importante lembrar que existe outra variante: a categoria vazia do objeto, a qual se apresenta bastante produtiva nos dados da autora mencionada, possuindo um total de 53% dos 172 casos de objeto direto anafórico. Essa variante transforma o verbo transitivo direto em um verbo de um único argumento, o externo, facilitando, dessa forma, a mobilidade dentro da sentença.

Esse dado possibilita-nos acreditar que as estruturas VS em construções transitivas poderiam não ter desaparecido totalmente no

⁷ Lembramos que apesar de todos os verbos transitivos terem sido amalgamados em uma única variante, esses resultados são apenas dos verbos transitivos diretos, já que o fenômeno com o qual pretendemos relacionar a Ordem VS é o objeto direto anafórico.

nosso *corpus* mais pela presença de objetos anafóricos nulos do que pela presença de clíticos, devido à diferença quantitativa entre eles. Mas é exatamente essa diferença estatística que nos leva a questionar: se o objeto nulo apresenta mais da metade (53%) dos dados do objeto direto anafórico, e se acreditamos que essa variante pode ser a responsável pela manutenção de VS em estruturas transitivas diretas, então por que as ocorrências de VS não se apresentam mais produtivas do que SV?

Esse questionamento faz-nos descartar a relação entre a manutenção de VS e do objeto nulo, como também o fato de o objeto nulo ser mais produtivo com os universitários (57%).

Assim, a única conclusão que podemos obter em relação aos resultados sobre o objeto direto anafórico é que eles propiciam uma maior limitação de estruturas transitivas VS, pois o SN Lexical e o Pronome Lexical Nominativo em muito dificultam a distinção funcional tão bem estabelecida pelo clítico.

Outro estudo relacionado ao nosso fenômeno é a ordem do objeto em relação ao verbo. Em Silva (1998, p. 355), observamos que a ordem básica da frase é SVO, sendo que essa ordem pode apresentar variações, tanto do SN sujeito quanto do SN objeto.

Assim como no nosso estudo, os resultados de Silva (1998, p. 356) também mostram que SVO é a variante mais utilizada, já que das 1733 ocorrências de estruturas transitivas, apenas 265 apresentaram OV, o que equivale a 15% do total. Repetimos que SVO é a variante mais produtiva, porque as posições de seus constituintes indicam a função sintática que desempenham, podendo causar ambigüidade a mobilidade entre eles.

Assim, percebemos que as estruturas transitivas não são ambientes propícios para o movimento de constituintes e que isso só ocorre quando eles possuem características formais e funcionais atípicas para a função que antes ocupavam, ou seja, os SNs sujeitos ocorrem mais em estruturas VS quando são atípicos, acontecendo o mesmo em relação ao SN objeto.

Para esclarecermos melhor, fizemos uma Tabela comparativa entre os dois fenômenos: Ordem VS e Ordem OV.

Tabela 12 – Ordem VS e Ordem OV

Fenômenos SN Sujeito/Objeto	Ordem VS		Ordem OV	
	+ animado	1%	.45	35%
- animado	20%	.89	8%	.45
+ definido	2%	.46	17%	.53
- definido	8%	.67	8%	.34
Pronominal	1%	.43	42%	.82
Nominal	9%	.69	6%	.36
Oracional	39%	.93	9%	.43

Como observamos na Tabela 12, os SNs sujeitos presentes em VS possuem características opostas aos SNs objetos de OV; corroborando, desta forma, as características dos constituintes de que devem ocupar a posição anterior e posterior ao verbo.

Percebemos, ainda, que, apesar de os verbos transitivos não favorecerem a ocorrência de VS, eles apresentam uma hierarquia, mesmo pouco distinta, em relação à ordem VS, a qual é exatamente o oposto da estabelecida pela ordem OV. Como podemos observar na Tabela 13 :

Tabela 13 – Ordem VS e Ordem OV

Fenômenos Transitividade	Ordem VS		Ordem OV	
	Verbo Transitivo Indireto	0%	.38	17%
Verbo Transitivo Direto	0%	.31	12%	.49
Verbo Bitransitivo	0%	.25	71%/16%	.87/.60 ⁸

Os resultados confirmam que esses dois fenômenos da Ordem possuem uma forte ligação, estabelecendo, por consequência, os

⁸ Os verbos bitransitivos apresentam duas porcentagens e dois pesos porque Silva (1998, p. 357) divide esse fator em bitransitivo com o objeto indireto anterior ao verbo (71%/.87) e bitransitivo com o objeto direto anterior ao verbo (16%/.60), mas os dois fatores favorecem OV, como observamos pelos resultados.

ambientes propícios para o movimento dos constituintes da frase. Antes, porém, de finalizarmos esta seção, não podemos deixar de mencionar outro fenômeno (a concordância verbo-sujeito), que completará o ciclo do encaixamento lingüístico, já que a escolha de uma das nossas variantes (SV ou VS) pode influenciar na aplicação da concordância verbo-sujeito.

Para completarmos o encaixamento, tomamos por referência o trabalho de Anjos (1999), que, assim como os outros fenômenos estudados no encaixamento, também têm por base o dialeto pessoense.

Em seu trabalho, Anjos (1999) realizou todo um apanhado teórico sobre a influência da posição e da distância do sujeito na concordância verbo-sujeito na 3ª pessoa do plural no sintagma verbal.

Anjos (1999, p. 95-96) considera o sujeito anteposto mais favorecedor da concordância do que o sujeito posposto⁹, já que a posição mais à direita do verbo é menos saliente e o elemento determinante segue o elemento determinado.

Essa posição do sujeito, segundo Anjos (1999, p. 96) é atípica e, por isso, ela tende a originar o não reconhecimento da função sintática desse constituinte, resultando na ausência de concordância verbo-sujeito.

O aspecto mais relevante, entretanto, no trabalho citado é o resultado obtido. Em sua primeira consideração a respeito de seus resultados, Anjos (1999, p. 98) afirma que o sujeito mais à esquerda do verbo favorece a concordância verbal, enquanto que a posição à direita do verbo (.18) a desfavorece.

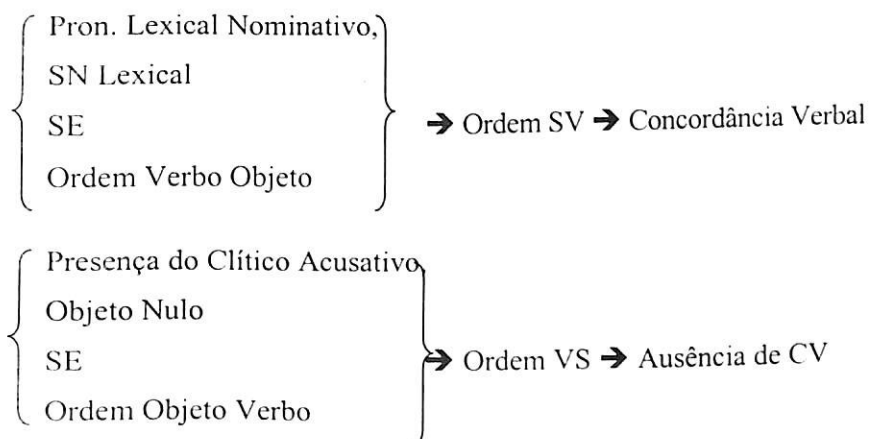
Assim, o que podemos concluir, a partir de Anjos (1999, p. 104), é que a posição pós-verbal do sujeito é um fator altamente desfavorecedor da CV. Esse fato fica ainda mais explícito com o cruzamento do fator presença, posição e distância do sujeito em relação ao verbo e do fator anos de escolarização, que resulta em (.20) para os informantes com nenhum ano de escolarização, (.31) para os

⁹ O termo “sujeito posposto” que será mencionado pelos autores aqui no encaixamento lingüístico não implica na realização de qualquer movimento do sujeito, refere-se, apenas, a posição desse constituinte na frase.

de 1-4 anos, (.12) para os de 5-8 anos, (.10) para os de 9-11 anos e (.22) para os com +de 11 anos.

Percebemos, dessa forma, que todos os níveis de escolarização desfavorecem a CV, se o sujeito estiver após o verbo, aproximando bastante os níveis escolares mais distantes (nenhum ano (.20) e +de 11 anos (.22)), levando-nos a concluir que nem o fator mais relevante estatisticamente para CV (anos de escolarização) é capaz de propiciar uma maior aplicação da regra de concordância verbo-sujeito quando o sujeito é pós-verbal.

Para finalizar o encaixamento lingüístico dos fenômenos por nós mencionados, estabelecemos um esquema que explicitamente apresenta a relação entre eles:



Legenda: → = maior probabilidade de ocorrência

A partir deste esquema, fica claro que se ocorre Pronome Lexical Nominativo ou SN Lexical e/ou Ordem VO, maior será a probabilidade de ocorrência da Ordem SV e da presença da Concordância Verbal. Porém, se ocorre a presença de Clítico Acusativo ou Objeto Nulo e /ou Ordem OV, maior será a probabilidade de ocorrer a Ordem VS e de estar ausente a Concordância Verbal.

Conclusão

Com os resultados aqui obtidos, esperamos ter explicitado o papel que cada fator selecionado representa no fenômeno variável da Ordem, e confirmado as várias tendências que esses fatores apresentaram nos diversos processos variáveis já observados em estudos sobre outros dialetos brasileiros.

Contudo, não pretendemos incidir no equívoco de tentar ‘transferir mecanicamente’ as tendências lingüísticas e, sociais, acima de tudo, que outros trabalhos apresentaram para outros fenômenos estudados. Ao contrário, procuramos estabelecer quais as restrições que podem assemelhar-se nos processos estudados e, ainda, se elas possuem a mesma inclinação, tornando possível obter um quadro do que é variável e do que é geral nos fenômenos estudados e, conseqüentemente, do comportamento social em relação à língua.

Para completar esse quadro, realizamos também o encaixamento lingüístico da nossa variável, apresentando a relação que a variação da Ordem SV/VS estabelece com outros fenômenos estudados no dialeto pessoense.

Observamos que a presença do SN lexical e do Pronome Lexical Nominativo, assim como a Ordem Verbo Objeto, favorecem a ocorrência da Ordem Sujeito Verbo, a qual, por sua vez, propicia a Concordância Verbo-Sujeito. Já a manutenção do Clítico Acusativo, a ocorrência do Objeto Nulo e a Ordem Objeto Verbo possibilitam a Ordem Verbo Sujeito, que desfavorece a Concordância Verbal.

Com isso, percebemos que o nosso objeto de estudo está perfeitamente encaixado no sistema lingüístico pessoense, possibilitando uma descrição mais geral dos fenômenos sintáticos nesse dialeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Sandra Espínola dos. *Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1999.

ARAÚJO, Sumaia Sahade. A posposição do sujeito em Português: regra de inversão estilística ou mova SN. *Estudos Lingüísticos e Literários*. Campinas, n.10, 1990.

- BALTOR, Cristiane da Silva. *Objeto direto anafórico no dialeto pessoense: uma análise variacionista*. XVI Jornada de Estudos Lingüísticos. Fortaleza, p. 324-327, 1998.
- BERLINK, Rosane de A. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, Fernando (org.); *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989, p. 95-112.
- BITTENCOURT, Vanda. Considerações sobre as condições sintáticas da posposição do sujeito em português. *Ensaios de lingüística*. Belo Horizonte, n. 3, 1980.
- CAMACHO, Roberto Gomes. O papel da estrutura argumental na variação da perspectiva. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (org.). *Gramática do Português Falado*. v. 6: Desenvolvimentos. Campinas: UNICAMP, 1996, p. 253-274.
- CHAFE, Wallace L. Givenness, Contrastiveness, Definiteness, Subjects, Topics, and Point of View. In: LI, Charles N (ed.). *Subject and Topic*. New York: Academic Press, p. 27-55.
- CHAVES, Arlete Saddi. 1989. A ordem VS no português da fronteira. In: TARALLO, Fernando (org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1976, p. 65-79.
- COSTA, João Miguel M. da Costa. Positions for Subjects in European Portuguese. In: AGBAYANI, B.; TANG, Sze-Wing (eds.). *The Proceedings of the Fifteenth West Coast Conference on Formal Linguistics*. Stanford: Center of the Study of languages and Information, 1997.
- COULMAS, F. *The handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Blackwell, 1997, p. 15-32.
- CROFT, W. Typology and Grammar. In: BROWN, Keith & MILLER, Jim (eds.). *Concise Encyclopedia of Sintactic Theories*. New York: Pergamon, 1996, p. 343-350.
- DECAT, Maria Beatriz N. Interrogativa múltipla: condições sobre o movimento do sintagma interrogado. *Ensaios de lingüística*. Belo Horizonte, n. 3, 1980.

DECAT, Maria Beatriz N. Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal. In: TARALLO, Fernando (org.). *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989, p. 113-140.

FISHER, John L. Social influences on the choice of a linguistic variant. In: HYMES, Dell (org.). *Language in culture and society. a reader in Linguistics and Anthropology*. New York: Harper & Row Publishers, 1964.

GUY, Gregory R. *The general and the particular: constraints on /s/ deletion in Argentine Spanish*. Trabalho apresentado no NWAV, 1996.

HORA, Dermeval da. *Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba* (VALPB), 1993 (mimeo).

KATO, Mary. A. Inversão da Ordem SN em interrogativas no português: uma questão sintática ou estilística. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 3, n. 2, p. 243-252, 1987.

KATO, Mary A. et al. As Construções-Q no Português Brasileiro Falado: perguntas, clivadas e relativas. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (org.). *Gramática do Português Falado*. v. 6: Desenvolvimentos. Campinas: UNICAMP, 1996, p. 303-368.

LABOV, William. Contraction, deletion and inherent variability of the English copula. *Language*, v. 45, p. 715-62. 1969.

LI, Charles N. & THOMPSON, Sandra A. Subject and Topic: a new typology of language. In: LI, Charles N (ed.). *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976, p. 459-489.

LIRA, Solange A. Subject postposition in portuguese. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 2., n. 1, 1986.

LOBATO, Lúcia M^a Pinheiro. Sobre a Regra de Anteposição do Verbo no Português do Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 4, n. 1, p. 121-148, 1988.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, Mudança e Linguagem: um percurso da lingüística neste século*. Lisboa: Colibri, 1998.

MORAIS, M^a Aparecida C. R. T. Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary A. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1996, p. 263-342.

- OLIVEIRA, Dercir Pedro. O preenchimento, a supressão e a ordem do sujeito e do objeto em sentenças do português do Brasil: um estudo quantitativo. In: TARALLO, Fernando (org.). *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989, p. 51-64.
- PAYNE, J. R. Universals of Language. In: BROWN, Keith & MILLER, Jim. (eds.). *Concise Encyclopedia of Syntactic Theories*. New York: Pergamon, p. 355-359, 1996.
- PINTZUK, Susan. *VARBUL programs*, 1988.
- SANKOFF, David & LABOV, William. On the uses of variable rules. *Language in Society*. Londres: Cambridge University Press, n. 8, p. 189-222, 1979.
- SANTOS, Maria Beatriz G. dos. *Aspectos da alternância SV/VS no português coloquial*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1990.
- SILVA SORNICOLA, Rosanna. Topic, Focus, and Word Order. In: BROWN, Keith & MILLER, Jim (eds.). *Concise Encyclopedia of Syntactic Theories*. New York: Pergamon, 1996, p. 331-339.
- SIEWIERSKA, A. Word Order and Linearization. In: BROWN, Keith & MILLER, Jim. (eds.). *Concise Encyclopedia of Syntactic Theories*. New York: Pergamon, 1996, p. 372-378.
- SILVA, Rosângela Neres da. *Ordem objeto/verbo na fala pessoense*. In: XVI Jornada de Estudos Lingüísticos, Anais... Fortaleza, 1998, p. 355-358.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1994.
- WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Yakov (eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-195.
- WINFORD, Donald. The Problem of Syntactic Variation. In: ARNOLD, Jennifer et al. (eds.). *Sociolinguistic Variation Data, Theory and Analysis*. Estados Unidos: CSLI, Selected papers from NWAV 23 at Standford, 1996.